

ARQUITETO, UMA DAS FACETAS DE H. MOSER *ARCHITECT, ONE OF THE FACETS OF H. MOSER*

*Leopoldina Mariz Lócio*¹
Instituto Federal de Pernambuco

Resumo

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre a atuação profissional de H. Moser no Brasil, destacando sua contribuição aos espaços construídos de Recife, Pernambuco. Este artista alemão estabeleceu-se no Nordeste brasileiro no início do século XX, sendo mais conhecido como vitralista, atuou em várias áreas da arte, do design gráfico e da arquitetura. O objetivo do artigo é evidenciar a atuação de H. Moser no campo da arquitetura. Primeiramente, discute-se sua participação na reforma da Casa *Allema* do Recife, um estabelecimento comercial com inovações modernas para a época. Em seguida, são mencionados outros projetos e sua atuação como docente. Adotou-se uma abordagem qualitativa, empregando métodos históricos e analíticos/ descritivos, utilizando dados bibliográficos e documentais, com intensa investigação em plataformas de acervos digitalizados, disponíveis on-line, da mídia impressa da época. Constatou-se que H. Moser, continuou a exercer, entre outras, a atividade que o trouxe ao Brasil: a de arquiteto.

Palavras-chave: H. Moser; arquitetura pernambucana; vitralista.

Abstract

*This article presents some results of an investigation into the professional work of H. Moser in Brazil, highlighting his contribution to the built spaces of Recife, Pernambuco. This German artist settled in the north-east of Brazil at the beginning of the 20th century and was best known as a stained glass artist, working in various areas of art, graphic design and architecture. The aim of this article is to highlight H. Moser's work in the field of architecture. Firstly, we discuss his participation in the refurbishment of the Casa *Allema* in Recife, a commercial establishment with modern innovations for the time. Other projects and his work as a teacher are then mentioned. A qualitative approach was adopted, employing historical and analytical/ descriptive methods, using bibliographic and documentary data, with intensive research on digitized collection platforms, available online, from the print media of the time. It was found that H. Moser continued to carry out, among other things, the activity that brought him to Brazil: that of architect.*

Keywords: H. Moser; Pernambuco architecture; stained glass artist.

¹ Designer e Doutora em Design da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Ênfase em pesquisas na área de memória gráfica, história do design e design da informação. Técnica de Laboratório em Artes Visuais do IFPE Campus Olinda. E-mail: leopoldina.locio@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, viveu na cidade do Recife, um artista alemão chamado Heinrich August Johann Moser (1886-1947) ou Henrique Moser, que ficou muito conhecido como vitralista, atividade que lhe permitiu transformar e iluminar de forma artísticas diversos ambientes construídos no estado de Pernambuco e fora dele. Henrique Moser também teve uma atuação expressiva como artista gráfico nos primórdios do design gráfico brasileiro, tema estudado por Lócio (2018 e 2023). Além disso, produziu obras artísticas, como pintura, esculturas, algumas de temática sacra, para igrejas da cidade. H. Moser era também arquiteto e realizou projetos nessa área, no entanto sua produção arquitetônica é ainda pouco conhecida.

O objetivo deste artigo é apresentar alguns resultados da pesquisa para tese de doutorado (Lócio, 2023) sobre memória gráfica e história do design em Pernambuco focada na atuação profissional de H. Moser no Brasil ressaltando a contribuição desse artista aos espaços arquitetônicos de Pernambuco. Essa pesquisa, tinha objetivos mais amplos e não era apenas sobre a sua atuação nessa área, pelo contrário, quando foi iniciado esse estudo não havia informações claras sobre a realização de projetos arquitetônicos por H. Moser ou sobre sua atuação como arquiteto, a atividade que o trouxe ao Brasil. Contudo, através da coleta de dados foram sendo obtidas informações que revelaram, entre suas múltiplas atividades profissionais, projetos de arquitetura. Dessa forma, considerou-se relevante elaborar um artigo que destacasse sua atuação neste outro campo, especialmente na construção de ambientes.

Na dissertação de mestrado e tese de doutorado de Lócio (2018 e 2023) foram apresentadas informações detalhadas sobre a vida profissional e atuação do artista. Entre os dados coletados, destacamos neste artigo as informações referentes às atividades relacionadas à arquitetura. Portanto, o objetivo deste artigo é evidenciar a contribuição de H. Moser aos espaços arquitetônicos de Recife, Pernambuco, incluindo não apenas seus vitrais, mas também seus projetos de arquitetura, demonstrando seu papel na história local deste campo profissional.

Devido à sua natureza, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com método histórico e analítico/descritivo, e dados bibliográficos e documentais (Gil, 2019; Richardson, 2012). Grande parte das informações obtidas é fruto de uma intensa investigação em plataformas de acervos on-line nos periódicos de mídia impressa digitalizados especialmente aqueles disponíveis no acervo da Fundação Biblioteca Nacional, ou seja, BN digital². Os principais jornais e periódicos publicados em Pernambuco no início do século XX fornecem registros cronológicos de fatos ligados a acontecimentos artísticos e sociais de Recife e Olinda, que, de uma forma ou outra, compõem o cenário da vida de H. Moser. Assim, através de uma compilação de reportagens em jornais, procurou-se refazer a trajetória profissional de H. Moser em Pernambuco. Esmiuçando cada nota presente em jornais, cruzando-as com informações bibliográficas, além das obtidas por familiares, buscou-se encontrar informações sobre a vida profissional do artista. (Lócio, 2023, p.94). Esta forma de coleta de dados foi relevante considerando o escasso material bibliográfico acerca da atuação profissional de H. Moser.

Este artigo é composto por três partes, além da introdução e da conclusão. A primeira parte é mais breve e descreve o contexto sociocultural de Recife na época da chegada do artista ao Brasil. A segunda parte comenta sobre a formação de H. Moser e os motivos de sua mudança para o Brasil, que já se relacionavam à sua formação em arquitetura. Finalmente, na terceira parte, são descritas e analisadas as produções do artista, incluindo seu papel como um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Pernambuco.

² <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>

2 CENÁRIOS DA MODERNIDADE NO RECIFE DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Iniciamos este artigo abordando o momento em que H. Moser chegou ao Brasil, especificamente a Recife, Pernambuco. Nas primeiras décadas do século XX, esse país periférico buscava seguir os padrões europeus e norte-americanos de modernidade, mas também procurava construir sua própria identidade, e Recife se destacava nessa busca. Como já mostraram alguns historiadores, como por exemplo Paulo Cunha Filho (2010), a cidade de Recife e o estado de Pernambuco, daquela época, tinham um protagonismo econômico, cultural e político, em termos nacionais, bem maior do que possuía nos anos seguintes. Esses dados e referenciais históricos são importantes para entender as condições de trabalho que H. Moser encontrou em Pernambuco.

Com o declínio da indústria açucareira, Pernambuco e sua capital, Recife, foram perdendo sua proeminência nacional. Como aponta Antônio Paulo Rezende (1997, p.31), “passados os tempos da Colônia, Império, consumada a Abolição da escravatura e proclamada a [...] República”, “Recife entra no século XX acreditando no progresso”. Em termos de estrutura urbana, diversas novidades surgiram nesse início de século, proporcionando melhorias na vida dos recifenses, como instalação da luz elétrica nas ruas, antes a gás, bondes elétricos, telefone, telégrafo, nova rede de esgoto, água encanada, entre outros. Embora a água tenha sido canalizada no século XIX — antes era recolhida em chafarizes — só em 1915 que a cidade se tornou realmente saneada. As maxambombas³ e os bondes puxados a burro⁴ são substituídos pelos bondes elétricos, em 1914. O automóvel também aparece como sinal de progresso (Sette, 1981; Rezende, 1997). Ainda vale ressaltar as reformas no porto ocorridas na década de 1920. Naquela década, no entanto, a ideia de modernidade estava em confronto com as dificuldades sociais e econômicas, além disso convivía com forte pensamento tradicional existente na cidade.

A paisagem urbana recifense se transforma, procurando-se assim criar um imaginário de progresso, aproximando a cidade à modernidade que ocorria nos grandes centros da na Europa (Sette, 1981; Rezende, 1997). Então a cidade estava em busca da modernidade e precisava acompanhar as inovações tecnológicas, embora já vivesse com algumas novidades modernas. A seguir, um postal (Figura 1) da Rua Barão de Vitória, hoje Rua Nova, mostra bondes, postes de luz elétrica em um dos pontos comerciais mais prestigiados do Recife à época, exibindo também, no centro da imagem, uma vista da loja Casa *Allema*, a edificação mais alta da foto.



Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco⁵ – Ministério da Educação – Brasil

³ Trens de máquina com vagões pequenos (Sette, 1981).

⁴ Os bondes puxados por burros foram retirados do Recife, mas ainda foram usados no interior do estado por um tempo (Sette, 1981).

⁵ Imagem com uso autorizado.

Figura 2 - Mudanças urbanísticas em Recife: à esquerda obras no Porto e à direita o Bairro do Recife.



Fonte: Revista de Pernambuco 1925 e 1926. Fonte: Biblioteca do Estado de Pernambuco (BPE).

A paisagem urbana recifense se transforma, procurando-se assim criar um imaginário de progresso, aproximando a cidade à modernidade que ocorria nos grandes centros da na Europa (Sette, 1981; Rezende, 1997). Então a cidade estava em busca da modernidade e precisava acompanhar as inovações tecnológicas, embora já vivesse com algumas novidades modernas.

3 A VINDA DE MOSER A PERNAMBUCO E A CASA ALLEMÃ DO RECIFE

Heinrich Moser veio ao Brasil em 1910 a convite de sua tia Júlia Doederlein, proprietária de uma luxuosa loja, a *Casa Allemã* do Recife, situada na Rua Barão da Vitória – hoje Rua Nova –, uma das ruas comerciais mais prestigiadas à época. Madame Júlia, como era conhecida, convidou seu sobrinho para um projeto de reforma arquitetônica e decoração do novo prédio, já que ele possuía formação além de artes, artes aplicadas e arquitetura.

H. Moser chega ao Brasil bastante qualificado profissionalmente. Diferentemente da maioria dos artistas nacionais e estrangeiros no Brasil de sua época, que quase sempre eram autodidatas, H. Moser teve uma formação artística sólida. Estudou em duas instituições de artes em Munique: a *Koeniglich Bayerische Akademie der Bildenden Künste München* (Academia Real de Belas Artes da Baviera em Munique) e a *Koeniglich Kunstgewerbeschule München* (Escola Real de Artes Aplicadas de Munique). A primeira, fundada em 1808, é uma das mais antigas da Alemanha e teve como alunos artistas e designers renomados, como o russo Wassily Kandinsky (1866-1944); o suíço Paul Klee (1879-1940), entre outros. A instituição continua a funcionar, restaurada após a guerra e depois ampliada.

Na *Koenigliche Kunstgewerbeschule München* – KGS (Escola Real de Artes Aplicadas de Munique) ele experimentou e aprendeu diversas artes aplicadas, entre essas a arquitetura, como destacado acima. Em 1946, esta instituição foi incorporada à Academia de Belas Artes de Munique e, depois, à Universidade de Munique. Este aprendizado vai repercutir em toda sua vida profissional. Dessa forma, esta sólida formação acadêmica vai lhe permitir uma versatilidade para que transite em diversas áreas de atividades como arquitetura, artes e design, hoje profissões tão diversas. Assim, as experiências e aprendizados recebidos nessas duas escolas vão repercutir em toda sua vida profissional.

Além da formação em escolas reconhecidas, ainda na Alemanha, H. Moser atuou profissionalmente com artes gráficas, pintura e também em uma fábrica de móveis, como relata Weber (1987) promovendo inovações no mostruário, com criações de peças em variados estilos, do mais tradicional ao moderno. Ainda vale destacar que H. Moser planejou e construiu a própria casa em Munique, onde vai morar após seu casamento em 1907.

H. Moser desembarca na capital pernambucana em 29 de setembro de 1910, então com vinte e quatro anos de idade, acompanhado de sua esposa e de seu filho (Weber A., 1987).

O comércio de Júlia Doederlein, tia de H. Moser, iniciou 1892 e transcorreu em diferentes pontos comerciais, até a inauguração da Casa *Allema* do Recife, em 1912, em um grandioso prédio na Rua Barão de Vitória n° 46, hoje Rua Nova, mais precisamente na esquina com a Rua da Palma. Foi neste prédio que H. Moser, com formação também de arquiteto, foi convidado pela tia para fazer a reforma e decoração da loja. As mudanças arquitetônicas implementadas por H. Moser foram consideradas deslumbrantes pela mídia da época, destacando-se pela sua inovação e estética refinada. Após a reforma, a Casa *Allema* do Recife permaneceu neste local por mais cinco anos, até ser fechada devido a um incêndio que, como será explicado mais adiante, foi provocado por setores da população mobilizados contra a Alemanha em 2017, quando o Brasil entrou na Primeira Guerra.

Além da loja, H. Moser também projetou para sua tia Julia uma casa de grandes proporções que foi construída à beira-mar em Olinda. Conforme sua tia havia solicitado, o terraço foi construído com 500 metros quadrados. Até os anos 2020, a neta de H. Moser afirmava que essa casa ainda estava de pé.

A inauguração da loja foi anunciada um mês antes no Jornal do Recife por meio de uma publicidade (Figura 3) com o desenho assinado por Henrique Moser.

Figura 3 - Anúncio da inauguração da Casa *Allema* do Recife no Jornal do Recife, 29 nov. 1912.

CASA ALLEMÃ DO RECIFE
FIRMA REGISTRADA
JULIA & A. DOEDERLEIN
ENDERECO TELEGR. DOEDERLEIN 46 Rua Barão da Victoria 46 TELEPHONE 379
Temos o prazer de convidar ao respeitavel publico, ás nossas presadissimas freguezas e a todos nossos bons amigos para honrarem com suas presenças
A INAUGURAÇÃO DO NOSSO NOVO ESTABELECIMENTO COMMERCIAL ás 7 1/2 horas da noite de domingo, 1 de dezembro.
Por motivo de mudança somos obrigados a conservar fechado o nosso actual estabelecimento nos dias de sexta-feira e sabbado.
Recife, 27 de novembro de 1912.
Julia & A. Doederlein.

Fonte: BN Digital

Várias notas dos jornais da cidade da época noticiaram sobre esse novo empreendimento mesmo antes da inauguração, que ocorreu em 1° de dezembro de 1912. Dias antes da inauguração, o Jornal Pequeno (27 de novembro de 1912, p. 3) publicou uma nota de agradecimento pelo convite para a inauguração, destacando o caráter inovador da loja: “os seus balcões, vitrines e armações são modernísimos e podem fazer frente aos das casas congêneres do Rio e São Paulo.” No dia do evento, o Jornal do Recife (1° de dezembro de 1912) agradeceu o convite e anunciou a inauguração, destacando o bom gosto da decoração da loja:

O prédio que demora à rua Barão de Vitória é o mais elegante da aludida rua, ou, antes do bairro de Santo Antônio. [...] Ontem estivemos em o novo estabelecimento e notamos o esmero e a boa disposição do mesmo, a que presidia o gosto mais artístico (Jornal do Recife, 01 dez. 1912, p.2).

No dia seguinte à inauguração, a imprensa recifense noticiou o grande evento. A contribuição de H. Moser na reforma da loja é ressaltada no discurso feito por Adolpho Doederlein, seu tio e também sócio da loja. Uma nota na primeira página do Jornal do Recife, de 2 de dezembro de 1912, reproduz grande parte do discurso em que Adolpho Doederlein

agradece a contribuição de várias pessoas que ajudaram neste empreendimento, como o sobrinho Henrique Moser, pela “[...] arte e gosto dos enfeites e decoração artísticas da casa”.

É interessante perceber que as notas em diferentes jornais ressaltam o uso da eletricidade na loja, uma novidade para a época: “[...] apresentava deslumbrante iluminação elétrica” (Jornal do Recife, 1º dez. 1912, p. 2), “Profusa era a iluminação que ostentava a Casa *Allemã*” (Jornal Pequeno, 2 dez. 1912, p. 4). De fato, a luz elétrica começou a ser instalada no Recife inicialmente em determinadas lojas e, a partir de 1915, se estendeu por toda a cidade. Antes disso, a cidade era iluminada por lâmpões a gás (Sette, 1981).

Outra novidade que se destacava na Casa *Allemã* do Recife eram as vitrines. Inspiradas no modelo europeu de deixar artigos visíveis na sua fachada através de vidro, as vitrines tornavam essa loja uma das mais modernas da cidade. Assim, era inovadora não só pela eletricidade, mas pela utilização de vitrines. Com espírito inovador e padrões culturais diferentes e mais liberais do que os de Recife do ano de 1912, H. Moser criou algumas vitrines que causaram polêmica e escandalizaram a sociedade conservadora à época, como a que expõe um leito conjugal para exibir roupas de camas (Weber A., 1987, p. 23). A loja era inovadora também por ter o atendimento feito por mulheres, costume incomum à época. Além disso, na opinião do genro de Moser, Erich Weber⁶, talvez a Casa *Allemã* do Recife tenha sido precursora dos magazines, onde se vendiam, entre outras coisas, miudezas e enxoval de noiva completo.

Com uma arquitetura requintada, no alto da fachada havia letreiros, onde se lia: *Casa Allemã do Recife*, Julia & A. Doederlein (Figura 4). Também, a loja era comparada, segundo relata a neta de H. Moser, Prof.^a Dr.^a Silke Weber⁷, à loja *Bon Marché*, um dos mais antigos magazines em Paris. Pode-se perceber a semelhança do estilo da loja pernambucana com a francesa observando a pintura a óleo, quase fotográfica, feita por H. Moser em 1912, mostrada na Figura 4.

Figura 4 - A Casa *Allemã* do Recife (pintura a óleo por Moser, 1912) comparada a Bon Marché, Paris.



Fonte: BN Digital

As novidades e inovações da loja são referenciadas em notas de jornais e revistas da época, como a revista *A Pilhéria* (26 jan. 1924).

Após a conclusão da reforma e decoração da Casa *Allemã* do Recife, H. Moser torna-se sócio da loja. No entanto, a vida bem estabelecida de H. Moser como sócio de um comércio próspero é desestruturada com o incêndio da Casa *Allemã* do Recife. Embora a Primeira Guerra tenha sido declarada em julho de 1914, o Brasil manteve-se neutro no conflito por três anos (Melo, 2016). Assim, o cotidiano brasileiro não havia sofrido grandes transformações até o país apoiar os Aliados em 1917.

⁶ Informações do genro Erich Weber (SILVA, 1982, p. 15).

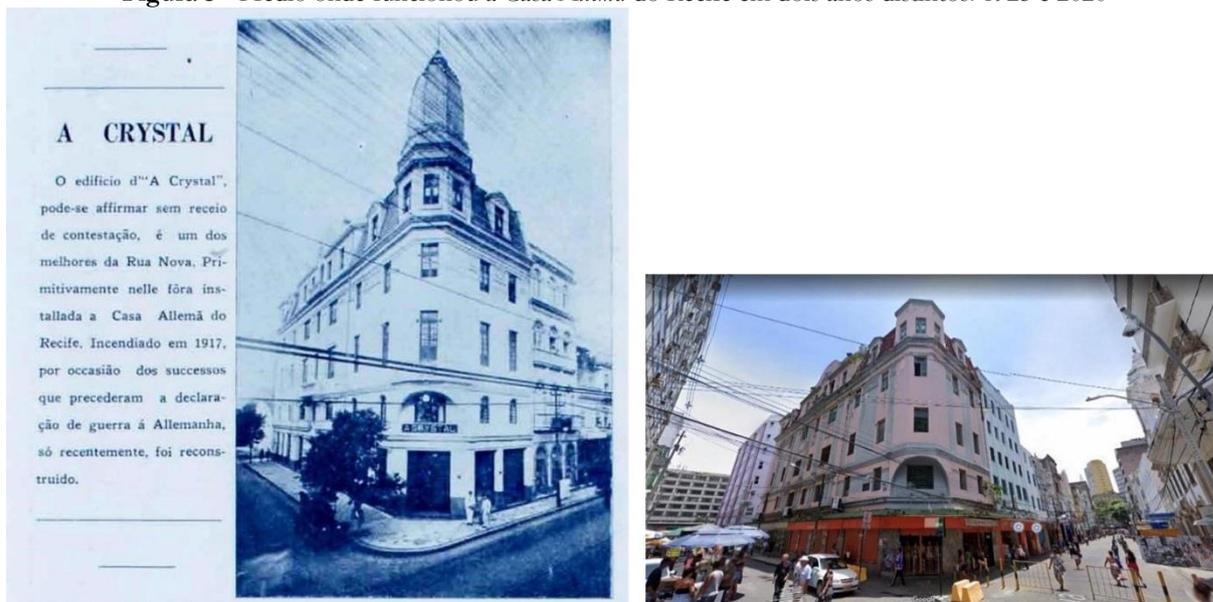
⁷ Entrevista concedida à autora em 2016.

Com a entrada do Brasil na guerra, a situação dos alemães residentes no país tornou-se difícil. Em 7 de novembro de 1917, segundo os jornais da época, após boatos de que um navio brasileiro havia sido torpedeado pelas forças alemãs, surgiu uma agitação popular. Esta se voltou contra os estabelecimentos comerciais alemães, que se tornaram alvos de atos de repulsa, incluindo apedrejamentos e incêndios. O episódio foi noticiado nos principais jornais da época.⁸ A Casa Allemã do Recife foi apedrejada e incendiada de forma devastadora, assim como outros comércios alemães. No entanto, o incêndio na Casa *Allemã* do Recife foi o mais violento e, apesar dos esforços dos bombeiros, causou estragos totais, levando ao fim do sofisticado empreendimento de Madame Júlia.

Em 1922, cinco anos após a destruição da Casa *Allemã* do Recife, a moderna loja ainda era lembrada no Jornal do Recife como um “ganha pão honesto e digno de dezenas de moças pernambucanas” e pelas vitrines criadas por H. Moser, destacadas por sua originalidade e talento artístico (Jornal do Recife, 7 nov. 1922).

A loja permaneceu uma referência marcante na cidade, como evidenciado pela publicidade da confeitaria Crystal na Revista de Pernambuco de 1925, que mencionava a antiga localização da Casa *Allemã* do Recife. Ainda no século XXI, o prédio perdura na movimentada Rua Nova (antiga Barão de Vitória), embora não seja mais lembrado como a confeitaria Crystal ou Casa *Allemã* do Recife.

Figura 5 - Prédio onde funcionou a Casa *Allemã* do Recife em dois anos distintos: 1925 e 2020



Fonte: Revista de Pernambuco, nº13, 1925 e *Google Maps*, acessado em 23 out. 2020

4 A TRAJETÓRIA NA ARTE E NA ARQUITETURA

Após o incêndio da Casa *Allemã* em 1917, H. Moser se dedica exclusivamente às atividades artísticas, arquitetônicas e às artes gráficas. Todas essas atividades se desdobravam em paralelo, seja em execução de vitrais, pelo qual ele ficou mais conhecido, seja em reformas, trabalhos em artes gráficas ou para pinturas artísticas, esculturas. Embora fosse muito chamado para desenvolver várias atividades, durante esse período H. Moser ainda se recuperava das dificuldades econômicas, que, como alemão, enfrentou no período da Primeira Guerra Mundial (Weber A., 1987).

⁸ "Os factos de hontem". Jornal do Recife, 8 de novembro de 1917, p. 1. "Os graves acontecimentos de hontem", A Província, 8 nov. 1917. Diário de Pernambuco, "Os sucessos de ante-hontem", Jornal do Recife, 9 nov. 1917.

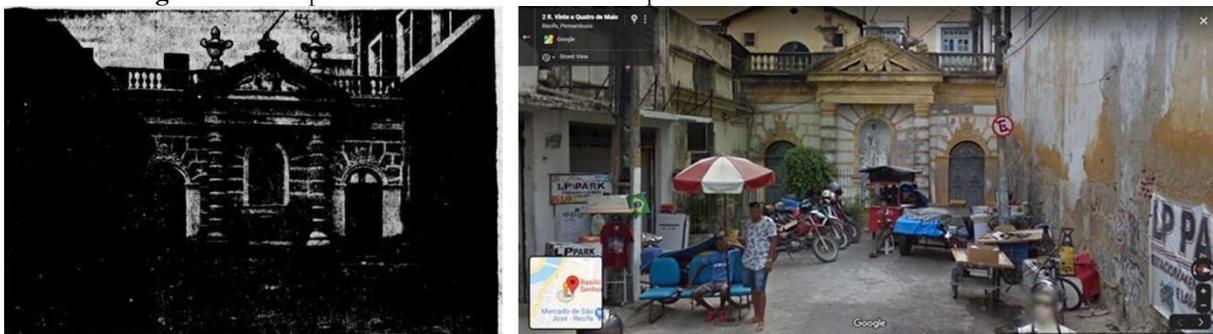
A década de 1920 foi marcada por grandes transformações nas representações e configurações visuais. Algumas obras projetaram H. Moser no cenário artístico do estado, aumentando a demanda por seus projetos. Essas atividades realizadas pelo artista estavam relacionadas à expansão da indústria gráfica e da construção civil (Dimitrov, 2013).

Após o término da Primeira Guerra Mundial, é pertinente mencionar as obras artísticas de H. Moser em igrejas no Recife, Olinda e em outras cidades. Os principais jornais de Pernambuco costumavam divulgar as reformas realizadas nas igrejas e os profissionais responsáveis. Assim, apontam que H. Moser realizou pinturas e decorações na Matriz de São José (Diário de Pernambuco, 8 fev. 1921), executou cinco vitrais na cúpula da capela-mor da Igreja da Boa Vista (A Província, 24 dez. 1921), e diversas obras na Igreja Nossa Senhora do Carmo, frequentemente mencionadas na mídia.

Aliás, a confecção do vitral na Igreja da Boa Vista só foi possível em Pernambuco porque o artista comprou uma prensa de chumbo como a da escola em que estudou (Silva J., 1982; Weber A., 1987). A filha de H. Moser, Freya Weber (1996), conta, em seu livro escrito para os familiares, que para ele adquirir essa prensa precisou juntar todas suas economias, ficando completamente sem recursos financeiros.

O primeiro convite para realizar uma obra artística de grande porte, depois da perda do estabelecimento comercial familiar, foi para a Igreja Nossa Senhora do Carmo, que seria elevada à Basílica em 1922, H. Moser realizou pinturas, esculturas e vitrais para sacristia e reformas arquitetônicas. O quadro “A Coroação de Nossa Senhora do Carmo” 89 foi bastante referenciado com notas em diversos jornais (A Província, 15 abr. 1920, p. 1; Diário de Pernambuco, 15 abr. 1920, p. 3; Jornal do Recife, 18 abr. 1920; Jornal Pequeno, 11 dez. 1920). Dentre as reformas feitas por H. Moser para essa basílica, Weber (1987) lamenta a não preservação da pintura do teto, retirada na década de 1970 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Pernambuco (IPHAN), pois consideraram que estas intervenções descaracterizaram a decoração original (Dimitrov, 2013). Esses trabalhos feitos por H. Moser também são destacados na revista *Ilustração Brasileira* (jun. 1924, n° 46, não paginado), de circulação nacional, no volume comemorativo dos cem anos da Confederação do Equador. Além disso, H. Moser foi responsável pela reforma da parte posterior da Basílica, na Rua Marquês do Herval. Parte da fachada reformada por ele pode ser vista nas duas fotos da Figura 6, uma logo após a reforma em 1920, e outra na situação em que se encontra na atualidade. Apesar da baixa qualidade da foto de 1920, ainda mais prejudicada pela reprodução digital do acervo, é possível ver que essa fachada continua praticamente a mesma.

Figura 6 - Parte posterior da Basílica do Carmo após reforma em 1920 e como está em 2022



Fonte: BN Digital, Jornal do Recife, 11 maio 1922 e *Google Maps* 2022

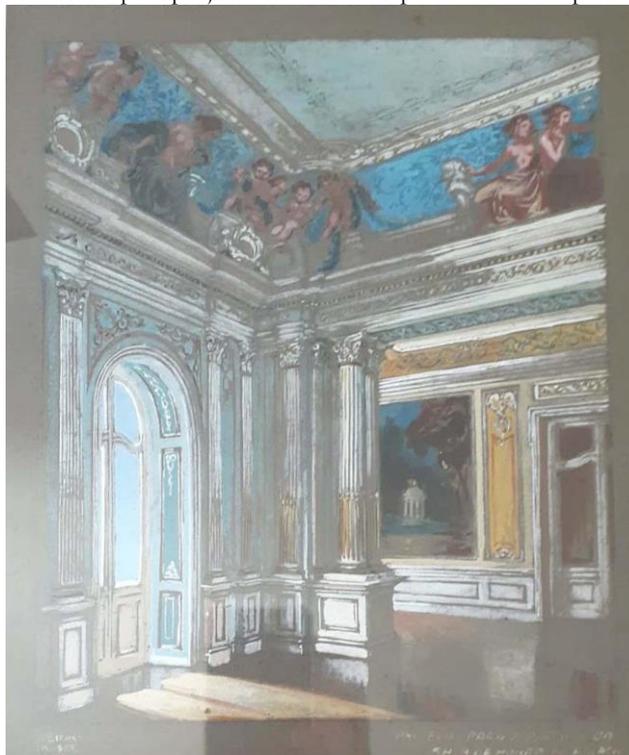
Balthazar da Câmara, parceiro de H. Moser em obras como os vitrais da Matriz da Boa Vista e a decoração da Basílica de N. S. do Carmo, destacou a determinação e a capacidade artística de Moser em entrevista ao Jornal do Recife (6 jan. 1922):

Cheguei mesmo a declarar a Moser o meu desânimo na completa execução dos vitrais no dia determinado para serem entregues. Ele, como um soldado herói no campo de

batalha, disse-me: — “Os vitrais estarão prontos no dia determinado no contrato, custe minha vida se assim for preciso!” Trabalhamos como verdadeiros loucos juntamente com nossos operários três dias e três noites foram ligadas sem interrupção. [...] Moser é a verdadeira alma do artista. Em arte não quer conhecer o interesse monetário, quer o triunfo artista. [...] Considero uma feliz casualidade entre nós, a existência desse artista. [...] Moser é digno de encômios que, com raríssimas exceções, Recife lhe não saber fazer (Jornal do Recife, 6 jan. 1922, p. 1).

Além disso, a parceria entre os artistas estendeu-se à obra da Catedral de Alagoas, no estado vizinho de Pernambuco. Esse trabalho levou H. Moser a fazer constantes viagens a Maceió, muitas vezes acompanhado pelo engenheiro Isaac Gondim, da firma Odebrecth & Gondim. Junto a essa empresa, H. Moser também apresentou um projeto arquitetônico para a remodelação do Palácio do Governo do Estado de Pernambuco (Jornal Pequeno, 10 set. 1920). Como a pesquisa nos jornais não encontrou referências ao início ou à conclusão dessa obra, é provável que o projeto nunca tenha sido realizado. Suspeita-se, inclusive, que a imagem abaixo (Figura 7), gentilmente enviada por Karin Frehse, neta de H. Moser, se refira a esse projeto não concretizado

Figura 7 - Estudo para projeto não efetivado para reforma de prédio público



Fonte: acervo familiar, Karin Frehse

Em 1924, vale destacar a participação de H. Moser no comitê que promovia a construção de uma ponte ligando a Ilha de Itamaracá ao continente. O jornal *A Província* (28 maio 1924, p. 1) descreve a excursão que a comitiva realizou ao local, recebida festivamente e culminada com a assinatura de um documento endereçado a Amaury de Medeiros para que esse intervisse junto ao governo em prol desta construção. Esses e outros convites feitos a H. Moser revelam sua efetiva participação na sociedade pernambucana.

Ainda enquanto arquiteto, em 1923, H. Moser realizou um projeto ousado para a Ponte da Boa Vista (Weber A., 1987) e, no mesmo ano, participou de uma concorrência para projetar o Palácio da Justiça de Pernambuco, contudo, ambos não foram executados (Lócio, 2018).

O projeto da Ponte da Boa Vista, segundo uma entrevista com Ângela Weber, tinha o objetivo de substituir uma ponte menor que ligava a Rua Nova à Rua da Imperatriz. No entanto, por questões orçamentárias, preferiram optar pela ponte de metal que existe hoje.

Figura 8 - Projeto para a Ponte da Boa Vista (1923).

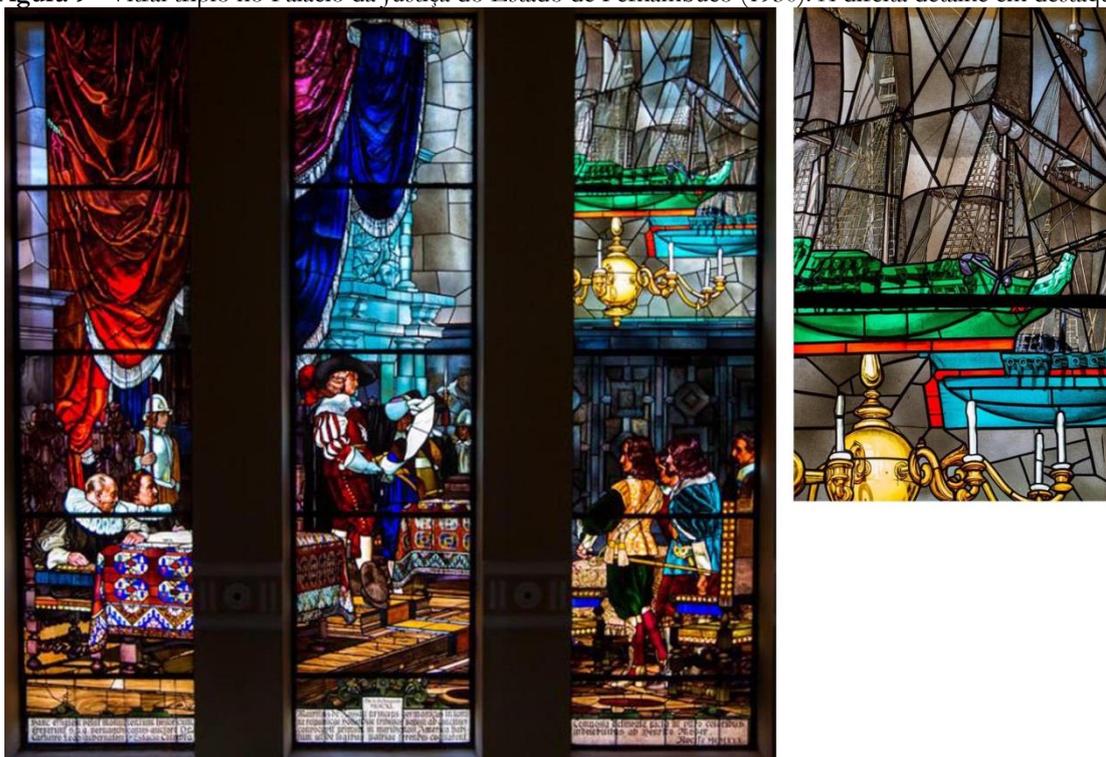


Fonte: acervo familiar.

O outro projeto acima citado, proposto por H. Moser, também não executado, foi para o Palácio da Justiça de Pernambuco. O processo de escolha do projeto que foi utilizado na construção deste palácio é contado com detalhes no livro “O Palácio da Justiça” (2002), de autoria do arquiteto e historiador José Luiz da Mota Menezes e do professor e historiador da arte Marcílio Reinaux. Este livro descreve a passagem dos primeiros projetos concebidos para construção deste prédio. Foram realizados três projetos antes da aprovação do que seria aceito, totalizando quatro projetos avaliados. O primeiro, em 1917, foi de autoria do arquiteto Heitor Melo. Contudo, a construção deste palácio foi postergada por vários governos, sendo apenas iniciada em 1923, quando estava no poder Sérgio Loreto, que assumiu o cargo em 1922. Sendo juiz de direito, esse governador valorizava a justiça e considerou importante iniciar essa construção. Neste sentido, Giacomo Palumbo foi convidado com um anteprojeto em estilo Luiz XVI, também recusado, assim como o de H. Moser. Só o quarto projeto de autoria de Giacomo Palumbo, juntamente com Evaristo de Sá, foi aprovado em 1924.

Embora o projeto de H. Moser não tenha sido aprovado, coube a ele a tarefa de confeccionar para este edifício um grandioso vitral triplo (Figura 9), em 1930, localizado na Escada Nobre. O magnífico vitral triplo representa a abertura do primeiro parlamento Democrático da América pelo Conde Maurício de Nassau e, segundo Menezes e Reinaux (2002), foi largamente reproduzida em fotografias, estampas e em outras formas em duas épocas diferentes. Menezes e Reinaux (2002, p. 88) ressaltam ainda que: “esta obra é reconhecida nacional e internacionalmente, por seu um raro exemplo de arte vitralista, de completa harmonia de conjunto, onde despontam com rara aplicação, a cor, a luz, a sombra, o traço e sobretudo a Ciência do Direito e enfim do exercício da Justiça em nosso País”.

Figura 9 - Vitral triplo no Palácio da Justiça do Estado de Pernambuco (1930). À direita detalhe em destaque.



Fonte: recifeartepublica.com.br. Foto: Breno Laprovitera.

Em 1934, ainda no Palácio da Justiça H. Moser realizou outra obra artística de destaque neste edifício: pintou a óleo sobre tela um painel com grande proporção, assentada ao fundo da Sala do Júri, intitulada “Justiça”, (Menezes; Reinaux 2002).

De fato, as contribuições de H. Moser ao prédio do Palácio da Justiça foram significativas. Por isso, José Luiz da Mota Menezes e Marcílio Reinaux (2002) dedicam no livro, acima mencionado, um capítulo exclusivo a H. Moser, no qual descrevem sua trajetória profissional, destacando seu talento, maestria e postura inovadora.

Entre os vitrais criados por H. Moser, além do já citado para o Palácio da Justiça de Pernambuco (1930), destacam-se os vitrais para o Gabinete Português de Leitura (1928-1930), para o Clube Internacional do Recife (1939), para a Matriz da Paróquia das Graças (1931/1932) e outros realizados para residências. Os vitrais produzidos para residências muitas vezes possuíam temas regionais.

Ângela Weber (1987) destaca que H. Moser se fez profundo conhecedor das cores, tons e matizes e ressalta sua constante busca pelos valores de luz e sombra de uma determinada cor, o que o levou, segundo a autora, a criar fases cromáticas em suas obras, isto é, o uso mais intenso de determinadas paletas de cores, no caso aqui, predominando cores como púrpura, violeta e azul real. “Moser foi um artista que se deixou sempre levar pela paixão à cor” (Weber A., 1987, p. 51).

A vitralista Aurora de Lima, ex-aluna de H. Moser na Escola de Belas Artes de Pernambuco, conhecida como quem deu continuidade aos seus ensinamentos, também destaca o uso das cores nos vitrais do artista e relaciona esse aspecto à sua vivência local: “Nos seus vitrais estão transportadas as riquezas das cores quentes, vibrantes, do nosso colorido nordestino que ele, um europeu, soube interpretar com tanta arte e vigor num difícil e lento trabalho de vitral” (Lima, 1985). Então ela percebe em suas obras o olhar de um artista alemão no nordeste brasileiro.

H. Moser produziu também vitrais para outras localidades fora da cidade do Recife, como para igrejas na zona canavieira de Pernambuco, além de para cidades nos estados da Paraíba, Ceará e Rio de Janeiro (Weber A., 1987; Weber F., 1996). A produção de H. Moser no campo

dos vitrais, embora já estudada, é um tema que certamente demanda uma análise mais aprofundada.

Entre as várias obras artísticas criadas por H. Moser noticiadas em notas de jornais à época, além das citadas acima, destacam-se ainda nesse período, a restauração da pintura no teto da Igreja da Madre de Deus, as telas que cobrem os corredores da igreja e, ainda, a pintura no teto da capela-mor da Matriz das Graças representando o sacrifício de Isaac, ambas em Recife (Jornal do Recife, 1 maio 1932, p. 1 e 5 jul. 1932, p. 2).

Contudo, os vitrais realizados por H. Moser, tanto em prédios públicos como privados, sem dúvida se evidenciam entre os diversificados tipos de obras artísticas executadas por ele. Com diferentes temas e cores, seus vitrais despertam a atenção. A criação de um vitral está intimamente relacionada à arquitetura do prédio, pois os vitrais refletem a luz do sol de maneira única. Esta técnica, trabalhosa e que requer materiais exclusivos, era dominada por H. Moser, que conseguia integrar, de forma exemplar, os vitrais ao contexto arquitetônico. Segundo Dimenstein (1987), H. Moser estudava meticulosamente o uso dos vitrais dentro dos espaços, criando soluções que não só embelezavam, mas também respeitavam a funcionalidade. Dimenstein destaca que "constantemente podemos encontrar soluções de abertura para passagem de ar e facilitar a limpeza das peças, num total respeito à funcionalidade das aberturas" (Dimenstein, 1987, p.67).

Com esse volume de produção, é possível perceber que a inserção de H. Moser no circuito artístico e cultural da cidade do Recife no final da década de 1920 já estava consolidada, continuando a atuar de forma expressiva. Esse período marcou uma fase de ampliação de sua atuação profissional em diversos campos, não apenas nas artes visuais, mas também nas artes gráficas e na arquitetura, firmando sua posição social e suas relações profissionais.

Ainda vale destacar a atuação de H. Moser como docente e um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Pernambuco – EBAP. Essa Escola, fundada em 1932, foi um relevante centro educacional artístico e arquitetônico. Em 1975, a EBAP foi extinta para junto com a Faculdade de Arquitetura, o Departamento de Letras, o Curso de Biblioteconomia e o de Comunicação Social, formar o Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE (Dimitrov, 2013; Galvão, 1956; DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO UFPE, 2021).

Tendo sido um dos fundadores dessa instituição, H. Moser atuou como professor desde seu início e por dez anos, ou seja, entre os anos de 1932 e 1942. Vale ressaltar que ele não foi remunerado por esse trabalho, já que naquela época, devido às dificuldades financeiras enfrentadas pela EBAP, os professores não recebiam salários (Galvão, 1956). Além da sala de aula, a Escola possuía diversos ateliês, como o de Desenho, Arquitetura Analítica, Gabinete de Topografia, Modelagem, Escultura, Arte Decorativa, entre outras (Galvão, 1956). A pesquisa de Lócio (2023) mostrou que H. Moser foi responsável por alguns programas de curso que possuíam conexão com atividades relacionadas à indústria gráfica, mas também mostra relação com a disciplina de arquitetura. Por exemplo, no programa de arte decorativa, uma das cadeiras que H. Moser lecionou, são propostos exercícios relacionados a elementos da arquitetura, como consola, cornijas, abóbada, capitel, coluna, arquitrave, arquivolta, pilastra, listel, arcada, arcatura, entre outros.

5 CONCLUSÃO

Este artigo teve como proposta destacar a atuação profissional de H. Moser enquanto arquiteto. Embora tenha migrado para o Brasil com objetivo de realizar uma reforma arquitetônica, ou seja, desempenhar a função de arquiteto, cuja formação obteve em sua terra natal, Alemanha, pouco se sabe de sua produção nessa área. Com efeito, H. Moser ficou muito conhecido pelos seus belos vitrais, tanto que as primeiras publicações sobre ele o descreviam principalmente como vitralista, mas esse artista foi muito além do vitral. No início da pesquisa, cujos dados são discutidos no presente artigo, quase nenhuma informação se tinha sobre sua atividade enquanto arquiteto.

A metodologia empregada, que combinou pesquisas em jornais da época e outras fontes de informação, como entrevistas com familiares, mostrou-se eficaz e adequada para recuperar parte da obra e da trajetória de H. Moser em Pernambuco, especialmente na área de arquitetura.

A pesquisa não apenas reafirmou a contribuição de H. Moser na criação de vitrais, mas também revelou algumas atuações como arquiteto, demonstrando seu papel na história local deste campo profissional. Ainda, a pesquisa revelou interessantes contribuições de H. Moser à EBAP, instituição que posteriormente é incorporada à Universidade Federal de Pernambuco. Foram encontrados exercícios didáticos nos programas de curso propostos por H. Moser, com atividades relacionadas também à arquitetura.

Além de revelar a importante contribuição de H. Moser ao design gráfico às belas artes, a pesquisa mostra a relevância desse profissional multifacetado no cenário cultural e artístico pernambucano do início do século XX, em Recife e seu papel nos ambientes construídos da cidade. Embora nem todos os projetos arquitetônicos resultaram em construções, H. Moser atuou como arquiteto ao reformar e decorar os mais diversos ambientes. Conhecer mais sobre a atuação profissional plural desse artista do início do século passado pode ajudar a refletir sobre a história da profissão de arquitetura como tem ajudado na história do design em Pernambuco.

Assim, a pesquisa identificou que de alguma forma, H. Moser continuou a exercer a atividade que lhe trouxe para o Brasil: a de arquiteto.

REFERÊNCIAS

CUNHA FILHO, Paulo Carneiro da. **A utopia provinciana: Recife, cinema e melancolia**. v. 1. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. 242p.

DIMENSTEIN, Bernardo. **Henrique Moser: artes plásticas e sua inteiração**. In: WEBER, Ângela T. Moser: um artista alemão no Nordeste. Recife: Poll, 1987.

DIMITROV, Eduardo. **Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano**. 2013. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2013.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE, Linha do Tempo, 2021. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/75anos/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

GALVÃO, Joel F. Jayme. **Memórias de uma Cruzada** (Escola de Belas Artes de Pernambuco, sua criação e sua vida). Secretaria do Interior e Justiça, Arquivo Público Estadual, Recife, 1956.

LIMA, Aurora. **Moser - O artista**. In: WEBER, Ângela T. Moser: um artista alemão no Nordeste. Recife: Poll, 1987, p. 63-64.

LÓCIO, Leopoldina Mariz. **Heinrich Moser: Memória Gráfica Através das Capas da Revista de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

LÓCIO, Leopoldina Mariz. **Heinrich Moser, um artista pioneiro do Design: perspectivas da história do Design e memória gráfica pernambucana, no início do século XX**. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

MENEZES, José Luiz Mota; REINAUX, Marcílio. **O Palácio da Justiça**. 3 ed. Recife. Ed: Linceu, 2002.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997. 204 p.

SETTE, Mário. **Terra Pernambucana**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 10 ed. 1981.

SILVA, José Cláudio. **Artistas de Pernambuco**. Recife: Governo do Estado, 1982.

WEBER, Ângela T. **Moser: um artista alemão no Nordeste**. Recife: Poll, 1987.

WEBER, Freya. **Heinrich Moser**. [Recife]: [s.n.], 1996.